

**A GRAMATICALIZAÇÃO DE DAR:
DE VERBO-PREDICADOR A VERBO-SUORTE**

Giselle Aparecida Toledo Esteves (UFRJ)
giselle_estevesufrj@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho demonstra alguns resultados de uma investigação acerca do comportamento sintático-semântico do verbo *dar* ao passar pelo processo de gramaticalização, de verbo predicador a verbo-suorte.

Uma análise ainda que superficial do uso da língua em diversos contextos sociolinguísticos já pode indicar a polifuncionalidade do verbo *dar* no português e o conseqüente surgimento de novas categorias funcionais às quais o item pode vir a pertencer, ou seja, *dar* não faz parte apenas da categoria de verbo predicador pleno, como preconiza a maioria dos dicionários e gramáticas da língua portuguesa. Por isso, faz-se necessário, por meio de pesquisas, a observação do seu comportamento sintático-semântico.

AMOSTRAS SUBMETIDAS À ANÁLISE DA PESQUISA

A amostra de dados oral foi extraída de entrevistas com brasileiros e portugueses de três faixas etárias (A – 18 a 35 anos; B (36 a 55 anos); e C – a partir dos 56 anos) e dois níveis de escolaridade (1-analfabetos ou semi-analfabetos e 2 – com nível superior completo). Tais entrevistas pertencem aos projetos APERJ, PEUL, NURC-RJ e CRPC-Lisboa¹.

O *corpus* escrito constitui-se de textos jornalísticos brasileiros e portugueses (anúncios, editoriais e notícias) do acervo do projeto

¹ APERJ (Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro), PEUL (Programa de Estudos Linguísticos), NURC –Rio (Norma Urbana Culta), CRPC (*Corpus* de Referência do Português Contemporâneo).

MORFOSSINTAXE

da equipe VARPORT² e dos acervos de periódicos da Biblioteca Nacional de Lisboa e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho fundamenta-se na visão funcionalista (Cunha, Oliveira e Martelotta, 2003), segundo a qual a linguagem é um instrumento de comunicação social. Acredita-se que o objetivo principal da língua seja estabelecer relações comunicativas entre os usuários. Portanto, seu uso deve ser analisado em um contexto social, ou seja, no discurso. Desta forma, levam-se em conta os participantes da situação comunicativa e suas intenções ao utilizarem as formas lingüísticas, que também possuem regras pragmáticas, semânticas, morfológicas e fonológicas próprias.

Considera-se, em geral, o fenômeno de gramaticalização (Heine *et alii*, 1991) como um processo de transferência de itens lexicais à categoria de elementos gramaticais ou como um fenômeno de mudança de itens menos gramaticais a itens mais gramaticais. As formas lingüísticas passam por esse processo de acordo com as necessidades de uso da língua, por isso, é possível vincular o estudo da gramaticalização à concepção funcionalista de linguagem.

ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa permitiu estabelecer o *continuum* de gramaticalização do verbo *dar*. Isto ocorreu sem que se perdesse de vista uma noção de categorização (Taylor, 1995) segundo a qual a classificação de itens deve acontecer em função da observação do seu comportamento e das propriedades que os aproximam ou os afastam das categorias consideradas “prototípicas”, o que gera o conhecimento de categorias híbridas. Expõem-se, a seguir, as categorias detectadas.

O “verbo predicador pleno” é autônomo, tem comportamento lexical e vincula a noção de transferência. Seu papel é estabelecer

² A equipe VARPORT (Projeto de Intercâmbio Binacional *Análise de Variedades do Português* - www.lettras.ufrj/varport/) conta com professores da UFRJ e da Universidade de Lisboa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

uma predicação, definir o número de argumentos/participantes envolvidos nesta, prever a relação sintática entre eles e atribuir-lhes papel temático.

“Um processo de *dar-lhes* um bocadinho de limão para eles picarem com o garfo no limão” (CRPC-PF, inq. 0041)

O “verbo predicador não-pleno” diferencia-se do verbo predicador pleno por já apresentar extensão de sentido.

“... as/ correrias e conflictos que se *deram/* no largo do Rocio (...)” [PB escrito, VARPORT, E-B-91-Jn-005] (*deram* = *ocorreram*)

O que se intitula aqui de “verbo predicador a verbo-suporte” permite uma dupla interpretação, ou como pertencente à categoria mais lexical do item (“verbo predicador”) ou como pertencente à categoria léxico-gramatical (“verbo-suporte”). Devido ao seu caráter híbrido, pode partilhar características sintáticas dessas categorias (Cf. parâmetro de persistência em Hopper, 1991).

“O programa é feito por outro, mas nós é que estamos ali sempre *a dar justificações* ao público(...)” (CRPC-PF, inq.0633)

[≅ fornecer explicações e ≅ justificou-se]

O “verbo-suporte” é uma extensão semântico-sintática mais ou menos afastada de verbo-predicador, que se caracteriza por seu papel instrumental na formação de predicados complexos (Dik, 1997). Opera sobre um elemento não-verbal, no sentido de lhe conferir função predicante. Por isso, pode ser chamado de “*operandum* auxiliar de verbalização de elemento não-verbal” (Machado Vieira, 2001). Partilha com o elemento não-verbal a função de atribuir papel temático ao(s) argumento(s) do predicado complexo, porém a força léxico-semântica do predicado complexo resultante dessa operação está no componente não-verbal. O predicado complexo configura-se da seguinte maneira:

{ *Verbo-suporte DAR* [*elemento não-verbal*] } *Predicado Complexo*
(*Arg*₁)...(*Arg*_{*n*}) [(*Arg*_{*n*}) ≥ 0]³

³ (*Arg*_{*n*}) é o número de argumentos que o predicado complexo pode projetar (igual ou maior que zero).

MORFOSSINTAXE

(Ex.: 5) “Esse episódio (...) deu origem às várias nacionalidades (...)” (PB escrito, VARPORT, E-B-91-JN-004)

Distribuição geral dos dados⁴ (total de ocorrências de dar: 406)

Nas categorias em que o verbo ocorre como item lexical, a produtividade de uso é menor [“predicador pleno” (7%) e “predicador não-pleno” (23%)], enquanto na categoria em que *dar* revela comportamento gramaticalizado, a frequência de uso é maior (“verbo-suporte” (43%)). Ao pertencer à categoria funcional “verbo predicador a verbo suporte”, *dar* assume características que podem fazer com que esteja ora mais próximo da categoria de verbo-predicador, ora mais perto da categoria de verbo-suporte. Em relação à frequência, o comportamento de *dar* nesta categoria assemelha-se ao de verbo predicador, já que sua produtividade é baixa em relação à categoria de verbo-suporte [“verbo-predicador a verbo suporte” (26%)].

Essa distribuição dos dados está de acordo com a hipótese segundo a qual, quanto mais gramaticalizado for o item, maior será sua frequência de ocorrência (“token frequency”⁵), pois, com a gramaticalização, o verbo *dar* passa a ser usado de forma automatizada ao acompanhar um elemento não-verbal, fazendo com que sua força semântica seja esvaziada. Por tornar-se verbalizador deste elemento, atribui-lhe função predicante e, assim, permite-lhe atuar como o núcleo semântico do predicado complexo.

Categorias funcionais de <i>dar</i>	PB e PE
Verbo predicador pleno	29/406 7%
Verbo predicador não pleno	94/406 23%
Verbo predicador a verbo-suporte	106/406

⁵ A investigação da frequência fundamentou-se em Bybee (2003). Segundo o autor, a maior frequência de um item faz com que seu uso se torne automático na língua; ou seja, o número de contextos em que ocorre aumenta, fazendo com que sua força semântica seja reduzida e seu significado seja mais geral e abstrato. Propõe, então, o estudo de dois tipos de frequência – de ocorrência (“token frequency”) e de tipo (“type frequency”). Em relação ao primeiro tipo, investigou-se a frequência das categorias às quais *dar* pode pertencer, enquanto, em relação ao segundo tipo, analisou-se a frequência do elemento não-verbal que acompanha as categorias de “verbo predicador a verbo-suporte” e de “verbo-suporte”.

	26%
Verbo-suporte	177/406
	43%

Tabela 1: Distribuição geral dos dados

Distribuição dos dados por variedades nacionais

Categorias funcionais de <i>dar</i>	PB	PE
Verbo predicador pleno	10/268 3%	19/138 14%
Verbo predicador não pleno	63/268 23%	31/138 22%
Verbo Predicador a Verbo Suporte	71/268 26%	35/138 25%
Verbo-suporte	124/268 48%	53/138 39%

Tabela 2: Produtividade das categorias dar por variedades nacionais

Categorias funcionais de <i>dar</i>	Verbo predicador pleno	Verbo pred. não pleno	Verbo pred. a verbo-suporte	Verbo-suporte
PB	10/29 35%	63/94 67%	71/106 67%	124/177 70%
PE	19/29 65%	31/94 33%	35/106 33%	53/177 30%

Tabela 3: Comparação do uso das categorias funcionais de dar entre variedades nacionais distintas

Os resultados apresentados na tabela 2 são bem semelhantes aos apresentados na tabela 1 (distribuição geral dos dados), já que a categoria em que *dar* se apresenta gramaticalizado (“verbo-suporte”) encontra-se, em comparação com as demais categorias, com maior frequência tanto na variedade brasileira (48%), quanto na variedade europeia da língua portuguesa (39%).

Na tabela três, percebe-se que há diferença na produtividade de cada categoria entre as variedades nacionais. No português brasileiro, em comparação ao português europeu, encontra-se, com maior frequência, o verbo *dar* como “verbo predicador não-pleno” (67%), “verbo predicador a verbo suporte” (67%) e “verbo suporte” (70%), enquanto a categoria que se encontra em maior produtividade na variedade europeia é a de verbo predicador pleno (65%).

O resultado da tabela 2 comprova a hipótese de que esse fenômeno ocorre de maneira regular no sistema da língua portuguesa. No entanto, os resultados da tabela três não foram previstos pelas hi-

MORFOSSINTAXE

póteses iniciais, já que se esperava que freqüências semelhantes fossem encontradas nas categorias funcionais entre as duas variedades nacionais. Diferentemente, o que a tabela demonstra é que a gramaticalização de *dar* parece estar mais avançada em Português Brasileiro do que no Português Europeu.

Distribuição dos dados ao longo do século xx

Categorias funcionais de <i>dar</i>	Verbo predicador pleno	Verbo predicador não pleno	Verbo predicador a verbo-suporte	Verbo-suporte
1901-1925	3/10 30%	22/39 55%	14/49 28%	23/79 29%
1926-1950	2/10 20%	6/39 15%	10/49 20%	15/79 19%
1951-1975	2/10 20%	9/39 25%	11/49 22%	11/79 14%
1976-2000	3/10 30%	2/39 5%	14/49 30%	30/79 38%

Tabela 4: Comparação das categorias de *dar* pelo século XX

A tabela 4 demonstra a produtividade de uso de cada categoria investigada ao longo do século XX nos textos jornalísticos escritos. Destacam-se os resultados da última coluna, que corroboram a hipótese inicial de que, quanto mais gramatical for o item (categoria de “verbo-suporte”), maior será sua freqüência de ocorrência (“token frequency”), o que pode ser comprovado, inclusive, ao longo do século (38% de “verbo-suporte” no último período do século XX, contra 29%, 19% e 14% de ocorrência nos primeiro, segundo e terceiro períodos, respectivamente). Também é ocorre uma diminuição da freqüência da categoria “predicador não-pleno” ao longo do século, o que, provavelmente, é resultado de seu uso cada vez mais esvaziado, mais gramatical.

Distribuição dos dados por modalidade expressiva (relativo à amostra de dado do último período do século xx (1976-2000))

Ao analisar cada categoria e sua relação com as modalidades expressivas, é possível perceber que todas as categorias de *dar* depreendidas do *corpus*, das mais lexicais até as mais gramaticais, são bem mais freqüentes na fala do que na escrita. Esse resultado contrariou a hipótese de que, por ser a categoria mais gramatical, o verbo-suporte *dar* apresentaria freqüência de uso semelhante tanto na fala

quanto na escrita. Talvez, o fato de haver diferentes graus de formalidade entre os textos orais e escritos investigados possa ter causado essa diferença, já que os textos orais se constituem de entrevistas e os textos escritos de textos jornalísticos (anúncios, editoriais e notícias). Outra explicação para esse resultado provavelmente possa estar relacionada ao fato de que este item, por ainda estar em processo de gramaticalização, não se expandiu por todos os contextos discursivos com a mesma intensidade.

Categorias funcionais de <i>dar</i>	Verbo pred. pleno	Verbo pred. não pleno	Verbo pred. a verbo-suporte	Verbo-suporte
Fala	19/22 86%	55/57 96%	57/71 80%	98/128 77%
Escrita	3/22 14%	2/57 4%	14/71 20%	30/128 23%

Tabela 5:

Comparação do uso das categorias de *dar* entre modalidades expressivas

Características que afastam dar da categoria lexical e o aproximam da categoria semi-gramatical

Mobilidade do elemento não-verbal

Categorias funcionais de <i>dar</i>	SN posposto sem possibilidade de anteposição	SN posposto com possibilidade de anteposição	SN anteposto
Verbo pred. pleno e V. pred. não pleno	28/140 20%	76/234 32%	19/32 60%
V. pred. a v. suporte	23/140 16%	73/234 31%	10/32 31%
Verbo-suporte	89/140 64%	85/234 36%	3/32 9%

Tabela 6:

Mobilidade do elemento não-verbal relacionado às categorias funcionais de *dar*

A tabela 6 demonstra que a maioria das ocorrências com *dar* que possui um sintagma nominal posposto e sem possibilidade de anteposição pertence à categoria de “verbo-suporte” (64%). Os índices de frequência da posição do sintagma nominal posposto com possibilidade de anteposição são bastante semelhantes entre as categorias de *dar* investigadas. Diferentemente, a maior incidência de sintagma nominal anteposto está na a categoria de “verbo predicador” (pleno ou não) (60%). Nesta posição, o número de ocorrências de verbo-

MORFOSSINTAXE

suporte é bem baixo (9%) em comparação com as demais categorias. Tais resultados evidenciam que a posição anteposta do sintagma nominal contribui para que haja menos integração entre este elemento e o verbo, o que corrobora a hipótese de que *dar* como “verbo predicador” (pleno ou não) seria encontrado em maior número nesta posição do que o *dar* como “verbo-suporte”, que, por fazer parte de um predicado complexo, apresenta elemento incorporado mais integrado ao verbo e, portanto, com uma posição mais fixa. Sendo assim, os resultados confirmam a hipótese de que a posição posposta do elemento não-verbal contribui para que *dar* se afaste da categoria de “verbo predicador” e se aproxime da categoria de “verbo-suporte”.

Natureza do elemento não-verbal

Categorias funcionais de <i>dar</i>	Nome não predicante	Nome predicante
Verbo predicador pleno e Verbo predicador não pleno	121/374 32%	2/32 6%
Verbo predicador a verbo-suporte	104/374 28%	2/32 6%
Verbo-suporte	149/374 40%	28/32 88%

Tabela 7: Natureza do elemento não-verbal

a) Nome Predicante (predicado nominal — nome que projeta uma estrutura argumental: *proteção – dar proteção, sugestão – dar sugestão, contribuição – dar contribuição*)

“(…) nós fomos pela primeira vez de avião... eu fui pro sul... eles (...) deram uma *sugestão*...” [PB oral, VARPORT[culito]]

b) Nome não-predicante

“(...) também deram um *azar* tão grande que logo depois do casamento foi tudo por água abaixo...” [PB oral, NURC, inq. 158]]

Os resultados da tabela 16 demonstram que os nomes não predicantes podem ocorrer adjacentes às categorias de “verbo predicador” (pleno ou não – 32%), de “verbo predicador a verbo-suporte” (28%) e de “verbo-suporte” (40%), o que não demonstra qualquer influência no fenômeno de gramaticalização. No entanto, a maior frequência de nomes predicantes estão vinculados à categoria de “verbo-suporte” (88%), demonstrando que esse tipo de nome colabora

para o caráter ainda mais gramatical do verbo. Portanto, foi confirmada a hipótese de que a frequência do tipo do elemento incorporado ao verbo-suporte (“type frequency”) é um fator relevante para a gramaticalização.

Aspectos estruturais e semânticos que interferem nos diferentes graus de integração entre dar e o elemento não-verbal

Configuração sintática do elemento não-verbal

Investigou-se a configuração sintática do elemento não-verbal adjacente ao verbo *dar*. É possível perceber, através da tabela 8, que os percentuais mais altos de “verbo-suporte” estão presentes nas construções em que não há qualquer elemento adjacente ao elemento não-verbal incorporado a este verbo (52%), e nas perífrases em que há elementos como artigo indefinido (57%) e modificador intensificador antecedido ou não de artigo (51%). Esses resultados confirmam a hipótese de que, pelo fato de o “verbo-suporte” *dar* ter maior grau de integração com o elemento não-verbal ao qual se relaciona, a possibilidade de inserção de elementos intervenientes nesse tipo de perífrase ora é nula, ora é viável apenas ao se tratar de elementos de natureza menos determinante (artigo indefinido e modificador intensificador). Portanto, o “verbo-suporte” e o elemento não-verbal constituem um predicado complexo cuja configuração sintática é mais restrita.

A tabela 9 demonstra o resultado inverso ao da tabela 18. Pode-se perceber que os elementos intervenientes artigo definido e pronome (demonstrativo ou possessivo), quantificador definido ou indefinido e modificador qualificativo (antecedido ou não de artigo) são mais produtivos quando estão adjacentes ao elemento não-verbal que se relaciona ao verbo *dar* na categoria de “predicador pleno ou não pleno” (46%, 75% e 36%, respectivamente). O índice de elemento modificador qualificativo é também alto (43%) quando está adjacente ao elemento não-verbal que se relaciona à categoria de “verbo predicador a verbo-suporte”, demonstrando o caráter híbrido dessa construção. Tais resultados colaboram para que se defenda a hipótese de que as categorias mais lexicais de *dar* não possuem grau de integração tão elevado com o elemento não-verbal ao qual se relacionam

MORFOSSINTAXE

e, portanto, sua configuração sintática é menos restrita, ou seja, elementos mais determinantes como artigos definidos, pronomes e modificadores podem acompanhá-las.

Categorias funcionais de <i>dar</i>	Nenhum elemento adjacente	Artigo indefinido	Modificador intensificador antecedido ou não de artigo
Verbo pred. pleno e Verbo predicador não pleno	35/161 22%	18/77 24%	10/33 31%
Verbo predicador a verbo-suporte	42/161 26%	15/77 19%	6/33 18%
Verbo-suporte	84/161 52%	44/77 57%	17/33 51%

Tabela 8: Configuração sintática do elemento não-verbal

Categorias funcionais de <i>dar</i>	Artigo def. ou pron. demonstr./ poss	Quantificador definido ou indefinido	Modificador qualificativo
V.pred.pleno e V.pred. não pleno	26/58 46%	12/16 75%	22/61 36%
V.predicador a v.suporte	16/58 27%	1/16 6%	26/61 43%
V.suporte	16/58 27%	3/16 19%	13/61 21%

Tabela 9: Configuração sintática do elemento não-verbal

Possibilidade de permuta do item verbal que já apresenta algum grau de gramaticalização

Percebe-se, através da tabela 10, o “verbo-suporte” é a categoria verbal em que há um alto índice da não possibilidade de substituição por qualquer outra categoria verbal (95%) (*dar* cabo - ?? cabo). Sua frequência também é alta ao permitir apenas a comutação por outro verbo-suporte (70%) (*dar* sinal - *fazer* sinal). Diferentemente, a comuta por um “verbo predicador” mostra-se bastante baixa (28%) (*der* bobeira - *marcar* bobeira).

Ao pertencer aos casos de fronteira (categoria de “verbo predicador a verbo-suporte”), *dar* possibilita a substituição por “verbo predicador” em índice elevado (71%) (*dá* desenvolvimento - *promove* desenvolvimento). A produtividade também é elevada quando essa categoria híbrida permite a substituição por verbos que pertencem às categorias de “verbo predicador” e de “verbo predicador a verbo-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

suporte” ao mesmo tempo (61%) (dar a notícia – *transmitir* a notícia/*passar* a notícia).

Esses resultados foram previstos pela hipótese de que, por fazerem parte de um predicado complexo com maior integração entre verbo e elemento não-verbal, a categoria de “verbo-suporte” possui menor possibilidade de substituição, enquanto a categoria de “verbo predicador a verbo-suporte”, por participar de estruturas com menor grau de integração entre verbo e nome, permite a substituição por tipos distintos de verbos.

Categorias funcionais de <i>dar</i>	Não é possível	Substituição por verbo-suporte	Subst. por v.pred. ou por v.pred. a v.Suporte	Subst. por V.Suporte
Verbo predicador a verbo-suporte	5/113 5%	10/34 30%	37/60 <u>62%</u>	54/76 <u>71%</u>
Verbo-suporte	108/113 95%	24/34 70%	23/60 38%	22/76 29%

Tabela 10: Possibilidade de substituição do verbo

CONCLUSÃO

Observou-se que o verbo-suporte *dar* em relação às outras categorias investigadas é mais recorrente na fala do que na escrita, no último período do século XX (1976-2000) e no português brasileiro.

A pesquisa possibilitou o conhecimento dos seguintes fatores quanto à gramaticalização de *dar*, de verbo-predicador a verbo-suporte: (i) o alto índice de frequência de ocorrência (“token frequency”) quando se apresenta na categoria mais gramatical e (ii) a natureza, em geral, predicante do elemento não-verbal incorporado a ele quando ocorre como verbo-suporte e (ii) a posição fixa desse elemento.

A continuidade da pesquisa possibilitará a descoberta de outros aspectos que influenciam a gramaticalização de *dar* e a delimitação de um *continuum* de níveis de integração entre o verbo e o elemento não-verbal que o acompanha no predicado complexo.

MORFOSSINTAXE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. **In:** Joseph, Brian & Janda, Richard(eds). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003, p. 602-623.

DIK, Simon C. *Theory of Functional Grammar*. Ed. por Kees Hengeveld. Berlin: Mounton de Gruyter, 1997, 2 v.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HEINE, Bernd *et alii*. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos S. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Tese de Doutorado, 2001.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2ª ed. Oxford: Calderon Press. [1989], 1995.